

Quem quer (ou pode) ser professor?

A vaga de exames que assolou o nosso sistema educativo estende-se agora ao acesso à profissão docente. Existe a ilusão, ou talvez não, que através da introdução de exames se poderá «assegurar que o exercício efectivo de funções docentes fica reservado a quem possui todos os requisitos necessários a um desempenho profissional especializado e de grande qualidade», segundo o decreto regulamentar aprovado em conselho de ministros. Uma tremenda falácia!

Quais são os requisitos necessários a um desempenho profissional de grande qualidade? O professor precisa, naturalmente, ter bom domínio da língua portuguesa, conhecimento especializado, no caso que nos ocupa de matemática, e conhecimento didático. As questões que se levantam à possibilidade e à oportunidade de tais provas conduzirem à identificação da posse de tais requisitos são, no entanto, muitas e de natureza diversa.

Da possibilidade: A visão subjacente a este decreto ancora-se numa perspectiva tecnicista da profissão, segundo a qual o profissional especializado adquire um conjunto de conhecimentos que deve ser capaz de reproduzir num tempo limitado que, obviamente, provas escritas impõem. Ora, o que é um professor? Um técnico especializado? Um intelectual? Um educador?

Bem sabemos que a profissão de professor é, na sua essência, relacional. Há muito conhecimento técnico especializado que lhe é requerido? Sem dúvida! Mas há um saber dizer, um saber estar, um saber olhar e compreender. Quer, imaginar mas também acalantar, incentivar, fazer sonhar, disciplinar e cuidar. Há dias e dias a resistir porque se acredita que o crescimento se dará. Há a matemática. Claro. Há a vontade de fazer compreender, descobrir e ter prazer em aprender matemática. Ajudar a descobrir que todos, de algum modo, podemos pensar matematicamente. Como se aprendem tais coisas? Como se avaliam tais coisas?

Convém recordar que o futuro professor tem atualmente uma formação com o nível de mestre, cujo ingresso em diversas instituições de ensino superior, está dependente da aprovação numa prova escrita de língua portuguesa. De acordo com o nível de ensino que irá leccionar, possui uma formação mais ou menos extensa em matemática, cujo peso está regulamentado pelo Ministério da Educação. Tem também uma formação na área da educação e em didática da

matemática de muitas horas. Tem, ainda, práticas de ensino supervisionada por orientadores cooperantes da escola e de supervisores das instituições de ensino superior. É, conseqüentemente, avaliado em todas estas componentes. Chegamos, assim, à questão da oportunidade: qual o sentido de voltar a ser avaliado em algumas dessas componentes, tanto mais que de uma forma necessariamente redutora? Há desconfiança do Ministério relativamente às instituições que o próprio tutela?

Poderemos questionar-nos: «Não há outros países com estas provas?». Haverá diversos modelos, mas convém reter que, em muitos países, chegam ao ensino pessoas com baixas qualificações académicas dado existir uma grande carência de professores no sistema. Os estados têm, assim, possibilidade de aferir os conhecimentos mínimos dos candidatos a professores. Como bem sabemos, tal situação nada tem a ver com a do nosso país, portanto, para quê uma medida como esta no nosso contexto?

De que precisamos então? Não se trata de uma questão de quem pode ser professor mas de quem quer ser professor. Aqueles que o querem ser, querem aprender a ser bons professores e não, simplesmente, professores com a classificação de Bom que as provas exigem. Precisamos implementar o período de indução, há muito previsto, mas nunca posto em marcha. Os recursos financeiros que vão ser usados para implementar as provas de admissão à profissão, poderiam ser canalizados para medidas que ajudassem à integração dos jovens professores e a garantir condições de trabalho e desenvolvimento profissional aos professores. Como diz o poeta, «as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas»^[1]. Porque assim é na profissão de professor, em que a aprendizagem é um ato contínuo, há que apoiar e ajudar a crescer os que querem entrar nesta profissão.

^[1] O mais importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. (in *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa)

HÉLIA OLIVEIRA

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA